

ENTREVISTA

Entrevista com Michael Tomasello¹

Tatiana Ramalho BARBOSA 

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Henrique Miguel de Lima SILVA 

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Rosana Costa de OLIVEIRA 

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Marianne C. B. Cavalcante
(UFPB)

- Alessandra DEL RÉ (Unesp)
- Christelle Dodane (Université
Sorbonne Nouvelle)

AVALIADO POR

- José Moacir Soares da Costa
Filho (IFPB)
- Fábria Sousa de Sena Costa
(UFPB)

DATAS

- Recebido: 16/10/2023
- Aceito: 12/03/2024
- Publicado: 09/09/2024

COMO CITAR

Entrevista com Michael
Tomasello. (2024). Tatiana
Ramalho Barbosa; Silva,
Henrique Miguel de Lima;
Oliveira, Rosana Costa de;
Gouveia, Raíssa Teixeira. v. 23, n.
2, p. 877-893, 2024.

Raissa Teixeira GOUVEIA 

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Michael Tomasello é um psicólogo norte-americano e pesquisador da linguagem que atualmente é professor no departamento de Psicologia e Neurociência da Universidade de Duke, na Carolina do Norte, nos Estados Unidos. É também diretor emérito do Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva em Leipzig, na Alemanha. Dedicou parte da sua carreira, especialmente no início, para elaborar sua teoria sociocognitiva sobre a aquisição da linguagem humana, diferenciando-a das formas de comunicação dos animais.

Após conduzir centenas de experimentos com primatas e crianças, chega ao seu conceito sobre a evolução ontogenética que foi apresentada, primeiramente, em seu livro *The Natural History of Human Thinking*, e mais recentemente aprimorada no livro *Becoming Human: A Theory of Ontogeny*. Suas ideias ressignificaram os estudos em aquisição de linguagem e psicologia social, além de ser a base teórica para inúmeros estudos desenvolvidos em diversos centros de referência em aquisição da linguagem na Paraíba, em São Paulo e em diversas outras partes do mundo.

¹ Esta entrevista foi publicada em língua inglesa na revista: *International Journal of Language and Literature*, Vol. 11, No. 2, p. 27-34, em Dezembro de 2023. ISSN:2334-2358 (Online). URL: <https://doi.org/10.15640/ijll.v11n2a4>

Os conceitos elaborados e discutidos por Tomasello vão além da aquisição da linguagem e perpassam os questionamentos que muitos já fizeram: apesar de terem em torno de 99% de material genético semelhante ao dos chimpanzés, por que só o ser humano foi capaz de desenvolver habilidades de construir artefatos tecnológicos extremamente complexos em um tempo relativamente curto do ponto de vista da evolução das espécies? Essas e outras questões são discutidas nesta entrevista inédita para a Revista da Abralín, em que Michael Tomasello fala sobre sua contribuição no campo da aquisição de linguagem e os conceitos desenvolvidos por ele através de décadas de estudos e experimentos tanto com crianças como com chimpanzés. O psicólogo também detalha sobre a hipótese do efeito catraca no desenvolvimento humano, trazendo uma explicação para a compreensão das bases ontogenéticas e apresenta sua trajetória e contribuições para a pesquisa nessa área.

O trabalho empírico realizado por Tomasello contribui diretamente para o estado da arte dos estudos em sociocognição, aquisição de linguagem e desenvolvimento humano, a partir de uma perspectiva ontogenética, criando, assim, as bases para uma Teoria Socio-Pragmática de aquisição da linguagem, em oposição à Teoria inatista de seu contemporâneo e também estudioso do tema, Noam Chomsky.

Ademais, Tomasello explica sua visão sobre o desenvolvimento das capacidades sociocognitivas por meio da intencionalidade compartilhada, outro conceito que detalha na entrevista. Ao final, Michael diz estar muito satisfeito ao ver que no Brasil existem vários laboratórios em que as pessoas estão desenvolvendo pesquisas com base em suas teorias. Apesar da importância de seus conceitos na área de aquisição da linguagem, a maior parte dos seus livros e artigos estão em inglês. Por esta razão, decidimos publicar esta entrevista traduzida para tornar seus conceitos mais acessíveis a pesquisadores cuja língua materna seja o português ou o espanhol.

Entrevistadores: Vamos começar com o seu livro *A Natural History of Human Thinking*, no qual você ressignifica os estudos na aquisição da linguagem, trazendo uma discussão sobre a Teoria da Ontogenia. Poderia explicar essa Teoria?

Tomasello: O livro *A Natural History of Human Thinking* trata da evolução, e a ontogenia é uma parte da evolução. Na realidade, trata-se de como os humanos evoluíram ao longo do tempo para serem capazes de associar seus recursos cognitivos e realizar coisas juntos: colaborar, ter uma conversa como

estamos tendo agora etc. Eu tenho uma proposta teórica geral de que a evolução humana ocorreu em duas etapas: houve um primeiro passo, em que os humanos aprenderam a colaborar com outros indivíduos de uma maneira que os chimpanzés, por exemplo, nossos parentes primatas mais próximos, não o fazem. Isso foi algo novo na evolução humana, e há muitos experimentos realizados que mostram como crianças pequenas podem colaborar entre si, como coordenam, como estabelecem metas conjuntas e compromissos para fazer algo juntas. Além disso, como elas monitoram o comportamento uma da outra, como compartilham os recursos que coletam em colaboração de forma equitativa e assim por diante; e o segundo passo é a nível cultural, e, na verdade, é onde comecei: nos aspectos culturais. Acredito que a colaboração é o primeiro passo e é na cultura onde surgem convenções, como as da linguagem, normas sociais, instituições e todos os tipos de atitudes a nível de grupo. Ou seja, são momentos que existem porque os humanos concordam e todo o grupo aceita viver de acordo com certas normas, e assim por diante. Agora, sobre ontogenia, minha proposta, especialmente no livro *Becoming Human: a Theory of Ontogeny*, defendo que as crianças humanas passam por essas mesmas duas etapas. Elas começam colaborando com outros, realizando tarefas simples juntas: construindo uma torre de blocos juntas, ou a mãe quer vesti-las, elas têm que se ajustar e fazem isso juntas: a criança faz sua parte, a mãe faz a dela; elas jogam uma bola para alguém e a recebem de volta... e outras atividades parecidas. Embora essas tarefas pareçam bastante simples, infantis, a natureza da colaboração é diferente de como os outros animais fazem. Então, desde cedo, há algo especial acontecendo com essas crianças pequenas. Mais tarde, por volta dos três anos, chegaremos a essa forma mais convencional e cultural de agir, em que as crianças começam a interagir, a entender as normas sociais e a fazer coisas semelhantes a outras do mesmo grupo. Depois disso, elas serão capazes de compreender as instituições sociais, culturais etc. Então, basicamente, estou dizendo que a ontogenia reflete a evolução humana e apresenta essas mesmas etapas básicas. E essa é toda a teoria dos aspectos exclusivamente humanos. Vygotsky fez essa proposta de maneira geral, sobre o que é único no ser humano: cultura, práticas e atividades culturais. Nós acabamos de fazer esses experimentos comparativos entre crianças e chimpanzés, nossos parentes mais próximos, e tentamos mostrar que, de fato, ele estava certo. Essas são as características exclusivamente humanas e estão todas relacionadas à colaboração e à cultura. De certa forma, nós complementamos o trabalho empírico que Vygotsky não fez e chegamos a essas duas etapas onde há colaboração antes da etapa cultural. Se você pensar em outros animais, na maioria das vezes, cada um deles está por conta própria, tentando descobrir como agir, resolver problemas, e assim por diante. Já os humanos, nós não poderíamos fazer nada sozinhos, pois fazemos tudo em um contexto cultural de interação com os outros. Até mesmo acerca do que fazemos, a ciência, ninguém faz sozinho, nós a fazemos em equipes. Assim, tudo se resume a associar nossos recursos cognitivos e sermos capazes de fazer juntos mais do que qualquer pessoa poderia fazer sozinha. Isso realmente é o que nos torna tão diferentes dos primatas não humanos.

Entrevistadores: Chamou nossa atenção, neste livro que o senhor mencionou, *Becoming Human*, em que o senhor afirma, na conclusão, que a sua teoria é neo vygotskyana. De que maneira sua teoria e a dele são similares?

Tomassello: Eu diria que ele tinha uma hipótese que eu acredito que se mostrou correta. Mesmo que no tempo dele houvesse quase nenhuma pesquisa com chimpanzés. Quero dizer, ele realmente se refere à pesquisa de Wolfgang Köhler com primatas em alguns de seus livros, mas ele acertou. Tudo o que estamos fazendo é preencher as lacunas, de certa forma. O que eu digo no livro *Becoming Human...* é que, em meu entendimento, Vygotsky começou trabalhando com crianças que tinham vários tipos de limitações: físicas e cognitivas. Ele percebeu que elas se beneficiavam de ferramentas para ajudá-las. Crianças cegas conseguiam ler letras em Braille e crianças com limitações físicas tinham a ajuda de muletas ou óculos. E os humanos têm essas próteses ou instrumentos para ajudá-los. Então, ele disse: "é isso que todos os humanos estão fazendo, certo? Mesmo aqueles que não têm problemas óbvios, estamos todos dependendo do que a cultura nos oferece: as ferramentas, os símbolos, a linguagem". Esse foi o meu ponto de partida, que acredito que se comprovou absolutamente verdadeiro. Ele estava certo em sua teoria, e o que fizemos de diferente de Vygotsky foi apenas enfatizar o componente cultural. Os humanos não poderiam se desenvolver da maneira como o fazem sem o apoio das ferramentas culturais. No entanto, ele não enfatizou o que as crianças humanas fazem para que isso lhes permita absorver a cultura e se beneficiar dela. Muitos de nós temos animais de estimação que crescem em nossa casa. Eu tenho um cachorro. Ele não aprende toda essa cultura. Tratamos o cachorro como um humano, conversamos com ele, nos emocionamos como se ele fosse um humano... sinto muito, mas ele não se transforma em uma criança. É preciso ter o componente biológico, habilidades evolutivas e capacidades para se beneficiar da cultura. E, claro, sabemos que há algumas crianças, por exemplo, com autismo. Sabemos que o autismo é um espectro, mas crianças com autismo grave têm muita dificuldade em tirar proveito dos aspectos culturais, em aprender a língua, em brincar colaborativamente com os outros e entender tais atividades em nível de grupo. Então, isso é o que realmente acrescentamos em nossos estudos: focar nas habilidades que vão permitir isso. Esta foi outra pergunta que já me fizeram antes, que é onde a noção de intencionalidade compartilhada entra. Nessas duas etapas que mencionei antes: a colaboração e a cultura. Os termos técnicos que adotamos são: intencionalidade conjunta para a colaboração e intencionalidade coletiva para a cultura. E cada uma delas tem um significado amplo que abrange muitas habilidades. A intencionalidade conjunta, que emerge por volta dos 9 meses a um ano, inclui ações como atenção conjunta, apontar para compartilhar atenção com os outros, imitação, e inclui apontar para obter uma comunicação referencial, quer dizer, cooperativamente. Elas apontam para dizer: "oh, isso é interessante" ou "olhe para lá". Portanto, tudo isso são habilidades específicas que, não apenas eu, mas outros pesquisadores, focamos e que se enquadram nessa categoria geral de intencionalidade conjunta. Ninguém havia pensado nesses aspectos ou os investigado na época de Vygotsky. Então, ele não identificou nenhum deles. Ele teve apenas a percepção ampla. Da mesma forma, a respeito da intencionalidade coletiva, como mencionei antes, ações como: entender normas culturais, convenções e instituições, bem como entender sobre grupos, viver em conformidade com a coletividade e ensinar. Um dos pontos que nós, em nosso primeiro artigo sobre aprendizagem cultural, que remonta aos anos 1990, apontamos é que para se beneficiar do ensino, é preciso ter certas habilidades cognitivas. Ademais, você pode tentar ensinar algo ao seu gato, quero dizer, você pode treiná-lo com recompensas e punições, mas eles não vão aprender através do ensino,

apenas quando você mostra algo a eles. E há a pesquisa de Gergely e Scibra² sobre a postura pedagógica que vai nessa direção, onde você precisa ter uma espécie de teoria da mente para saber o que a outra pessoa está tentando ensinar e ser capaz de aprender com isso. Portanto, isso faz parte da segunda etapa da intencionalidade coletiva também. Então, nós nos concentramos na evolução e desenvolvimento das habilidades cognitivas, sociocognitivas, de aprendizado social e de comunicação que permitem nos beneficiarmos da cultura. Dessa forma, ampliamos a percepção original de Vygotsky com muito mais detalhes.

Entrevistadores: Apesar de já ter mencionado, gostaríamos que o senhor explicasse com mais detalhes a intencionalidade compartilhada e a importância do contexto intersubjetivo³.

Tomasello: Sim. Vou começar com um exemplo e depois vou chegar à intencionalidade compartilhada. Vamos fingir que estamos na mesma sala, eu digo "olha" e você olha para lá [*apontando para a estante de livros*] e vê esta estante de livros com centenas de livros, então você diz "ok, eu não faço ideia para o que você está apontando e por que você está apontando". Portanto, as crianças entendem o que as pessoas estão comunicando a partir do gesto de apontar, mas você não pode simplesmente olhar em direção ao lugar referido. Eu, às vezes, traduzo o gesto de apontar como "olhe para lá e você saberá o que quero dizer". Assim, vamos supor que acabamos de discutir meu livro *Becoming Human*, que vocês todos o possuem e sabem como ele se parece. Eu faço assim [*apontando para as prateleiras*] enquanto conversamos sobre isso e é claro que você sabe exatamente para o quê estou apontando e o porquê de eu estar apontando. De onde veio isso? Não está no meu "dedo", certo? Você está apenas olhando para lá, então este é o nosso contexto intersubjetivo, pois sabemos sobre o que estamos falando. Temos um contexto e a comunicação humana depende disso. Portanto, apontar é óbvio, mas não há conteúdo no dedo que aponta e isso também acontece na linguagem. Se você transcrever seu próprio discurso ou o discurso de qualquer outra pessoa com quem você interaja, aposto que você teria milhares de exemplos de pronomes: 'ele', 'ela' e 'isso'. Bem, como você sabe o que é "isso"? Se eu apenas digo: "ah, isso aconteceu". Ok, o que aconteceu, você sabe? No entanto, se acabamos de falar sobre uma tempestade ou algo assim e eu digo "ei, está acontecendo", você sabe sobre o que estou falando. Portanto, o contexto intersubjetivo é que ambos sabemos onde estamos, o que estamos pensando e dizendo em nossas mentes, no que estamos prestando atenção e, assim, a comunicação funciona de uma maneira que não funcionaria sem tais aspectos, e os pronomes são um ótimo exemplo. Também temos as chamadas inferências no discurso, em que eu digo algo como "você quer ir ao cinema hoje à noite?" E você diz: "oh, tenho que acordar cedo amanhã" ou, melhor ainda, "tenho um teste amanhã", se você é um estudante, e eu digo "ok". Dessa forma, eu entendo que você quer dizer "não". Como eu entendo que você quer dizer "não"? Porque fazer um teste amanhã de manhã significa estudar hoje à noite e isso implica que você não pode ir ao cinema. Tudo isso deve ser nosso contexto intersubjetivo, pois ambos sabemos

² O autor está se referindo, provavelmente ao texto: "Taking the intentional stance at 12 months of age", de G. Gergely, Z. Nádasy, G. Scibra e S. Biró, publicado em 1995 na revista *Cognition*.

³ No original, "common ground".

esses aspectos. É por isso que sei que quando você diz "tenho um teste de manhã" significa "não", caso contrário, como posso descobrir? Assim, pronomes e itens que preenchem as lacunas do discurso dependem de aspectos que podemos simplesmente assumir que sabemos. Tivemos um experimento com crianças de três anos de idade. Entramos em uma sala e havia dois bonecos, um deles sendo o Papai Noel. Então, havia um boneco do Papai Noel e havia uma boneca comum, e olhamos para os dois ao mesmo tempo, então não havia referência. Disse: "Nossa, eu conheço esse cara e você pode me dar?" e todas as crianças entregaram o Papai Noel. Porque eles sabem que, em nossa cultura, devemos conhecer o Papai Noel. Esse é o contexto intersubjetivo que podemos inferir sem sequer ter uma experiência com outro indivíduo. Assim, o contexto intersubjetivo é essa espécie de dimensão oculta do conhecimento compartilhado sobre o mundo, das convenções e perspectivas compartilhadas, das quais nossa comunicação depende. Nossa comunicação não poderia funcionar sem esses fatores. E, novamente, poderia mencionar os pronomes, que estão em quase todas as frases que dizemos e não saberíamos a que eles se referem se não tivéssemos esse contexto intersubjetivo no momento.

Entrevistadores: Você quer dizer que, digamos, com crianças de um ano, a intencionalidade tem a ver apenas com pessoas mais próximas (tutores, mãe, pai) ou acontece com todos com quem elas entram em contato?

Tomasello: É neste ponto que entram as duas etapas. Temos muitos experimentos que mostram que as crianças com um ano e, talvez, com dois anos, entendem o contexto intersubjetivo com outros indivíduos. Se você e eu compartilhamos este objeto [*mostrando uma caneta*] "oh, é legal". E, depois, compartilhamos este objeto [*mostrando um par de óculos*]. "Oh, não é legal?" E agora saio da sala e você compartilha com outra pessoa este objeto [*mostrando uma caneta diferente da primeira*]. E agora os três objetos estão colocados na frente das crianças e eu volto para a sala e digo "nossa, o que é isso?" Elas sabem que estou animado e surpreso com aquele objeto que não experimentamos juntos. Portanto, essas crianças pequenas, de um ano, sabem disso, sabem o que nós dois experimentamos juntos, mas na verdade elas não têm ideia do contexto intersubjetivo cultural. Nós, na verdade, não fizemos esse experimento com o Papai Noel, mas a previsão seria que elas falhassem no caso daquele, porque elas ainda não têm a capacidade de pensar "oh, todo mundo sabe sobre o Papai Noel". Elas apenas sabem que você e eu não interagimos com o Papai Noel juntos, mas elas não fariam a generalização para o grupo cultural em geral. É certo que algumas crianças usam coisas que consideramos convenções linguísticas compartilhadas em nosso contexto intersubjetivo. Mas elas realmente não as entendem como convenções até cerca de três anos. Então, se você inventar algum nome e chamar isso [*mostrando uma caneta*] de "toma" ou algo assim, é apenas por volta dos três anos que as crianças farão a inferência de que todo mundo no grupo sabe disso, e que alguém que fala uma língua estrangeira não sabe. Elas podem distinguir entre pessoas que conhecem a convenção e pessoas que não a conhecem. Novamente, você tem essa diferença na compreensão sobre o contexto intersubjetivo e todos esses aspectos da primeira etapa, por volta de nove meses e outra etapa por volta de três anos. Portanto,

neste caso, seria: contexto intersubjetivo pessoal entre duas pessoas, e contexto intersubjetivo cultural, que são coisas que todos compartilhamos na cultura.

Entrevistadores: Na sua opinião, com relação a essa primeira etapa que o senhor mencionou, ela acontece da mesma forma com todas as crianças, em todo o mundo?

Tomasello: Sim. Eu diria: todas as crianças com desenvolvimento típico. Não testamos, é claro, todas as diferentes culturas, mas eu acredito que sim. E uma das certezas que tenho é de que o gesto de apontar parece ser universal. É claro que não observamos todas as culturas, mas vou te contar uma história interessante - lembre-se de que apontar depende do contexto intersubjetivo - você não pode se comunicar com o gesto de apontar sem isso. Então, acho interessante dizer que existem algumas culturas onde os adultos, na verdade, não apontam e tendem a fazer coisas assim com o queixo [*movendo a cabeça para usar o queixo para apontar algo*]. Então, eu tenho alguns amigos antropólogos, que disseram: "oh, existem algumas culturas onde as pessoas não apontam", e eu fiquei surpreso com isso! Acho que é porque sou psicólogo e penso em termos universais da espécie humana... eu fiquei surpreso. E, então, eu disse para essa pessoa: "Da próxima vez que estiver lá, observe as crianças para mim, por favor. Especialmente os bebês por volta de um ano". O que ele me informou foi que as mães dessas crianças apontam para seus bebês de um ano, mesmo nessas culturas onde os adultos não apontam. E as crianças também apontam! Mas depois, isso se torna rude ou algo assim e eles deixam de apontar em algum momento. Fizemos um estudo com crianças ocidentais, do Canadá, primeiramente, e depois, duas crianças de culturas muito pequenas, uma na Índia e outra no Peru, e eram culturas não letradas, de agricultura de subsistência em pequena escala. Quando você observa o que chamo de "características de um ano de idade": atenção conjunta, imitação, colaboração, gesto de apontar. Nós testamos estas atitudes nestas crianças, nestes três lugares diferentes. Não apenas as crianças nas três culturas tiveram essas atitudes, mas elas as desenvolveram mais ou menos na mesma idade em que as testamos. Com as atitudes típicas dos três anos de idade, elas podem começar a ser muito diferentes porque estão entendendo mais a cultura e estão desenvolvendo muitas habilidades. Na verdade, fizemos também um teste experimental com as atitudes das crianças de um ano de idade: fizemos com que elas compreendessem o gesto de apontar, com que imitassem coisas e com que colaborassem. Portanto, acredito que as atitudes de um ano de idade sejam universais. Já as de três anos, as bases são universais, no sentido de pensar em convenções etc., mas é claro que estas são diferentes em todas as culturas. Assim, posso afirmar que há algumas capacidades universais, mesmo na transição de três anos. Mas, é claro, o conteúdo se torna muito diferente em culturas distintas durante a infância.

Entrevistadores: Isso é o que estávamos pensando, porque sabemos que os gestos são muito culturais. Em cada cultura há diferentes tipos de gestos, por isso pensamos: "isso acontece da mesma forma em todos os países?", mas agora entendemos que há diferenças entre as características das crianças de um ano de idade para as de três anos.

Tomassello: Sim, mas, novamente, os gestos específicos podem ser diferentes até mesmo para crianças de um ano de idade. A questão é que elas agem a partir do que aprendem imitando adultos. A propósito, eu não acredito que elas aprendam a apontar imitando adultos. Não sabemos ao certo, mas temos um estudo em que umas crianças foram expostas a mais oportunidades de apontar. Mobilizamos as mães para terem uma sessão de 30 minutos, todos os dias, apontando para bebês de oito meses que ainda não realizavam esse gesto. Outras mães, em uma condição controlada, tocaram música para os filhos, ou algo que não envolvesse apontar, formando o grupo de controle. E as crianças dos dois grupos começaram a apontar na mesma idade! Tentamos proporcionar mais experiência para um grupo para ver se isso tinha algum efeito e não teve. Então, eu acredito que o gesto de apontar vem naturalmente. Os tipos de gestos dos quais vocês estão falando, que são específicos das culturas, vão ser aprendidos da mesma forma que você aprende palavras, ou seja, observando outras pessoas, usando-os para propósitos específicos. Você entende qual é o propósito ou a intenção, e você usa quando tem essa intenção. As crianças usam os gestos em relação às outras pessoas da mesma forma que elas usam em relação a elas.

Entrevistadores: Até agora, estamos falando apenas sobre crianças, mas sabemos que o senhor fez muitos experimentos com primatas, certo? Na sua opinião, o que diferencia os primatas humanos dos primatas não humanos?

Tomassello: Bem, tudo diz respeito à questão da intencionalidade compartilhada, que é o termo amplo geral, mas que engloba muitas coisas diferentes. Eu diria assim: eu observei chimpanzés por cerca de um mês na África, fui lá e fiz alguns trabalhos de campo e os observei. E eu garanto que se eu deixar vocês na selva com os chimpanzés, vocês ficarão perdidos em cerca de um minuto e não conseguirão encontrar comida, subir em árvores como eles... nada disso. Eles são criaturas incrivelmente competentes que usam ferramentas da mesma maneira que adultos as usavam há muitos anos. Eles as usam de uma maneira mais competente do que vocês as usariam. Eles se orientam pela floresta de maneira mais competente do que vocês fariam. Fizemos experimentos mostrando que eles realmente entendem que os outros têm metas e trabalham para isso... Eles têm uma espécie de teoria da mente. Não uma teoria da mente humana, mas uma espécie de teoria da mente. Eles podem aprender coisas uns com os outros, então são incrivelmente competentes como indivíduos. Mas é o fato de associar seus recursos cognitivos que eles não conseguem fazer como os primatas humanos. Um dos exemplos que eu uso para enfatizar esse ponto é exatamente de Vygotsky. Imagine uma criança criada em uma ilha deserta, completamente isolada da cultura e da interação humana. Essa criança não teria linguagem, não saberia números, algarismos arábicos, não aprenderia nada em livros, nenhuma imagem. Ela também não saberia sobre história, não saberia nada. E minha aposta é: ela seria muito semelhante a chimpanzés e outros primatas. Sim, ela provavelmente seria um pouco diferente, mas basicamente os humanos estão adaptados para crescer em uma cultura, identificarem-se uns com os outros, aprender coisas e se comunicar, bem como aprender socialmente e cooperar com todas as outras pessoas culturalmente. Se você tirasse isso, eles ainda teriam essa capacidade. Eles teriam essas habilidades, mas não haveria

como exercitá-las. Então as crianças seriam mais parecidas com os primatas não humanos do que com a gente. Uma analogia para isso seria: se alguém fosse criado em total escuridão, quando adulto, os olhos estariam atrofiados, então não conseguiria enxergar. Tinha a capacidade de ver, mas não conseguiu exercitá-la. Então, você perguntou sobre a comparação geral com primatas não humanos e é isso que eu quero enfatizar: quão inteligentes e competentes eles são como indivíduos, mas de alguma forma eles não associaram seus recursos cognitivos: nem para colaborar, nem para formar culturas e criar produtos culturais que as crianças aprendessem ensinando e imitando. Portanto, a intencionalidade compartilhada é sobre a união de forças, atenção conjunta, comunicação linguística, convenções, normas. Todas essas coisas que fazem parte da vida cotidiana das crianças humanas em todas as culturas, eu acredito, simplesmente não fazem parte da vida desses primatas.

Entrevistadores: Então, o senhor quer dizer que a primeira fase que o senhor mencionou para crianças é a mesma para chimpanzés e outros primatas não humanos? Quer dizer, eles apenas fazem gestos para se comunicar? Existem gestos semelhantes?

Tomassello: Eles fazem alguns gestos, mas este é um bom exemplo: eles não apontam. Então, o que eles fazem? Eles fazem gestos, mas, por exemplo, o gesto humano que é bastante comum, digamos, em crianças de oito ou nove meses, se eles querem que a mãe os pegue e eles fazem assim, certo? [*levantando os braços*]. Isso é universal porque faz parte da vida, esticar-se e engatinhar e levantar os braços, para que a mãe possa levantar você e tudo mais. Isso é o que os primatas estão fazendo, e isso é muito interessante. Como eu estava dizendo, eles são incrivelmente inteligentes! Eles podem fazer isso, mas não são referenciais. Por exemplo, você e eu podemos compartilhar a atenção para algo ali, e eles não apontam. E não apenas isso, todos os gestos deles são imperativos: “faça isso!” “ok, me levante!”. E eles fazem a higiene e brincam, e “faça isso!”. A mensagem toda vez que eles estão se comunicando é: “faça isso!”. E as crianças humanas dizem, “oh, olhe, não é interessante?”. Portanto, os gestos humanos são referenciais. Eles compartilham a atenção. Você e eu estamos compartilhando a atenção. Às vezes, eu o chamei de triângulo referencial, você, eu e a coisa sobre a qual estamos comunicando. E os primatas não têm esse triângulo. Também a motivação é apenas compartilhar a atenção e não apenas porque você quer algo. Portanto, quase todas essas coisas que mencionei, você pode fazer essa comparação detalhada entre os primatas e as crianças. E você descobre que a diferença está sempre na intencionalidade compartilhada, você e eu compartilhando um objetivo, atenção, uma convenção, um grupo. E sabemos que estamos compartilhando isso, temos um contexto intersubjetivo e isso perpassa todas as atividades diferentes nas quais ambos se envolvem. Vou dizer isso de outra forma, talvez trazendo a intuição e tornando-a mais concreta. Eu realmente não tinha pensado nisso antes até alguém me pedir para escrever um artigo apenas um ou dois anos atrás. Vamos imaginar uma situação: acho que se você saísse e subisse em uma árvore, para tornar isso mais realista, vamos dizer que algo estivesse te perseguindo, e você nem teria tempo para pensar. Você está apenas subindo na árvore. Eu diria que o que quer que esteja acontecendo na sua cabeça é muito semelhante ao que um chimpanzé está fazendo quando está subindo em uma árvore, certo? Sim, claro, as pessoas da cultura, os antropólogos, dizem

“você não pode escapar da cultura”. “Você está sempre inserido em uma cultura” e concordo com isso. Mas estou apenas dizendo que, naquele momento, quando você está correndo, subindo na árvore, seu psicológico, seu pensamento, tudo em você... é muito individualista. Você não está colaborando com ninguém, não está pensando em outras pessoas, não está usando convenções e normas e linguagem e coisas assim. Você está apenas subindo em uma árvore, como os primatas fazem. Ou nadando, ou correndo pela floresta, talvez até usando uma ferramenta como os chimpanzés, onde eles usam algo para abrir uma noz. Quero dizer, haverá coisas culturais acontecendo ao seu redor o tempo todo, é claro, mas se você conseguir reduzir isso, está tentando abrir essa noz. Então, os processos cognitivos envolvidos nas atividades provavelmente são os mesmos entre humanos e primatas. E, assim que você começa a ensinar alguém sobre isso, ou começa a falar sobre isso ou se refere a isso, de repente você está no reino cultural e está em um mundo que não existe para os primatas.

Entrevistadores: O senhor falou sobre o efeito catraca⁴ no desenvolvimento humano, disse que essa é uma explicação para entender as bases ontogenéticas, certo? O senhor pode nos explicar como funciona esse efeito catraca?

Tomasello: É uma metáfora... Se você estiver trabalhando em um motor de carro, você não pode girar a chave ao redor assim [*fazendo um círculo*] porque não há espaço suficiente, então você vai e depois volta [*demonstrando com gestos*] e só vai para frente, e quando você vai para trás, não está fazendo nada, você precisa movimentar para a frente e só dá para girar para a frente. Portanto, só vai melhorar. Tudo bem, esse é o ponto. Portanto, a metáfora da catraca era que - voltando a Charles Darwin - quando Darwin estava dizendo que os humanos fazem parte da evolução como todas as outras espécies, e os cidadãos da Inglaterra vitoriana estavam dizendo: “do que você está falando? Temos telescópios, temos a Ópera, temos o Parlamento Britânico. E os macacos estão na selva. Somos tão diferentes. Como isso pode ser parte do mesmo processo?”. E, voltando para o trabalho de outras pessoas até meu livro de 1999, “Origens culturais da aquisição do conhecimento humano⁵”, podemos ver que as ideias nunca são totalmente originais, certo? Você está sempre pegando emprestado de outras pessoas o tempo todo, e com isso eu desenvolvi a ideia de que o que é diferente é que os humanos têm uma espécie de segunda linha de evolução, que é a evolução cultural. Agora, você pode ter ouvido falar que os chimpanzés vivem em culturas e tudo mais. Às vezes, as pessoas dizem que outros animais têm cultura, mas o que quer que estejam fazendo, não se acumula ao longo do tempo, eles estão aprendendo algumas coisas socialmente, você não vê essa acumulação. Mas nos humanos, você vê a acumulação de artefatos, então, o telescópio sobre o qual os vitorianos estão falando, alguém não se sentou um dia e inventou um telescópio, certo? - Provavelmente eles tinham as lentes para olhar as coisas e um microscópio... então o telescópio tem uma história. O Parlamento Britânico tem uma história longa e complicada de conselhos e de lugares. As línguas têm histórias. Portanto, o que temos é: você tem

⁴ Ratchet effect

⁵ Em inglês, o título desta obra é *The Cultural Origins of Human Cognition*, publicado pela primeira vez, em inglês, em 1999.

um grupo de pessoas fazendo algo de uma maneira, usando uma ferramenta de certa maneira, e um indivíduo tem uma invenção brilhante. Bem, os humanos são construídos para que todos aprendam imediatamente e essa pessoa pode até ensinar a todos. Passamos para um novo lugar e, agora, outro indivíduo pode chegar com algo brilhante e todos aprendem com ele, e depois outro indivíduo... então, você não precisa ser inteligente, não precisa ser um gênio. Você só precisa ser capaz de participar desse processo de aprendizado a partir do brilho dos outros e, ocasionalmente, contribuir com algo que todos os outros possam aprender. Isso é, novamente, eu acho que até lá atrás, eu não sei se usei a metáfora antes, mas associar seus recursos cognitivos e, mesmo não estando, no momento, intencionalmente colaborando, enquanto repetimos as invenções, as maneiras de fazer as coisas, estamos colaborando com elas de alguma forma, com as pessoas que vieram antes de nós. Porque nós estamos ajudando as coisas a andarem para a frente. Portanto, se você olhar para o seu país, há muitos grupos de coletores no meio da Amazônia que não têm telescópios e que não têm o Parlamento Britânico e não têm nada que esteja nem um pouco próximo disso. Por quê? Eles não precisam. Eles viveram uma vida em que não precisam destes artefatos. Então cada cultura desenvolve essas coisas à medida que precisa delas. Por que o mundo ocidental precisou delas é uma pergunta para as ciências sociais em geral, eu acho. Mas, em qualquer caso, as culturas desenvolveram os artefatos de que precisavam. E muitas das coisas que os coletores amazônicos têm foram construídas pelo efeito catraca. Um arco e flecha, uma pessoa não sentou e os inventou em um minuto. O arco e flecha tem uma história, e foi melhorado ao longo do tempo para funcionar melhor. E talvez eles tenham algumas estruturas sociais como liderança, quem é o chefe e o conselho para discutir problemas. E isso pode ter evoluído ao longo da história para funcionar melhor. Portanto, todas as culturas têm o processo de aumentar sua capacidade, porque requer que os indivíduos sejam capazes de aprender socialmente uns com os outros. Eu realmente acho que o efeito catraca requer ensino, porque outros animais não se ensinam mutuamente, eles não ensinam sua prole da mesma maneira que fazemos. Temos adultos que querem sempre garantir que seus filhos aprendam coisas, certo? Nós nos certificamos de que eles aprendam e isso ajuda a catraca porque nos asseguramos de que todos estão aprendendo e, em seguida, ela pode avançar. Portanto, o efeito catraca foi minha proposta... primeiro em 1993 e, em seguida, em 1999, para explicar como é que os humanos parecem tão diferentes dos outros primatas. E foi um tempo muito curto evolutivamente, apenas alguns milhões de anos e parecemos tão diferentes. Quando você olha para outros animais que estão separados há apenas alguns milhões de anos, eles parecem bastante semelhantes... cavalos e zebras, por exemplo, sabemos que são espécies diferentes. Eles parecem diferentes, agem diferentes, mas sua cognição... é realmente tão diferente? Provavelmente é muito semelhante. Aqui nós estamos tão próximos dos chimpanzés quanto os cavalos estão das zebras e temos telescópios, o Parlamento Britânico e eles estão na selva. Portanto, esta é a explicação para parecermos tão diferentes. É baseado nesses processos psicológicos bastante sutis de aprendizado social de conformidade. É o ensino que leva a todo esse outro processo evolutivo de evolução cultural, história cultural, efeito catraca... e esses processos não existem nas outras espécies.

Entrevistadores: Como o senhor mencionou seus trabalhos de 1993 e 1999, gostaríamos de perguntar: houve alguma mudança em relação aos seus estudos sobre a aquisição da linguagem desde o início de suas pesquisas até hoje?

Tomasello: Oh, sim. Na verdade, eu não tenho trabalhado tanto na aquisição da linguagem quanto fiz há alguns anos. Na última década, ou algo assim, estive focado em outras coisas. Então, vamos apenas pensar na aquisição de palavras e construções gramaticais (eu vou definir o que é uma construção daqui a pouco). No que diz respeito à aprendizagem de palavras, ainda tenho a mesma teoria que tinha décadas atrás, às vezes chamada de Teoria Social Pragmática que inclui a atenção conjunta. Então você me diz “oh, olhe para o *toma*”. Eu tenho que ter um contexto intersubjetivo com você, sobre o que você está se referindo, tenho que saber sua intenção e direcionar minha atenção para lá. Portanto, eu adquiro as palavras por meio de aprendizado social, mas com base na atenção conjunta e contexto intersubjetivo. Eu enfatizo realmente a dimensão pragmática do processo. E essa teoria estava em competição com a abordagem de restrições de Markman, e sinto que ganhamos a discussão. Mas não tenho feito pesquisas sobre a aprendizagem de palavras há vários anos, então não tenho certeza. Quando comecei a trabalhar com a aquisição de linguagem, na verdade, eu não tinha a noção de construção. Adele Goldberg escreveu um livro em 1995, chamado “Construções⁶”, e esse livro me influenciou muito. Por volta do ano 2000, a noção de construção era muito central no meu pensamento. Eu vou dizer um exemplo, algo como: “*the toma mibbed the gazzer*”⁷ e você sabe o que aconteceu, certo? Se você sabe algo de inglês, você sabe que “o *toma*” está fazendo algo com “o *gazzer*” pois, esse significado está na forma padrão, na construção de substantivo-verbo-substantivo, como a gramática do inglês funciona. E se eu disser “*the toma was mibbed by the gazzer*”, isso é uma construção passiva e eu sei que o *gazzer* fez algo ao primeiro mencionado, ok? E se eu disser “*the toma mibbed the gazzer a glock*”, isso significa que ele transferiu ou deu algo para alguém. Portanto, essas construções têm significado, essa é a grande percepção, isso é o que transformou meu pensamento. Portanto, queremos acabar com a noção de regra. As regras gramaticais são coisas que foram inventadas para a gramática prescritiva. “Como aprender a gramática latina ou algo assim. Aqui está a regra, aqui está como você faz corretamente”. Isso é bom para a pedagogia da linguagem, mas não queremos isso. Quando as crianças estão aprendendo língua, elas não estão aprendendo regras prescritivas. Eles estão aprendendo padrões, certo? Elas estão aprendendo padrões e esquemas que têm significado, eles são construções. Elas as estão aprendendo. Minha hipótese era que elas começaram de maneira muito concreta. Portanto, elas aprenderam que “X bate em Y” significa que “X” faz essa ação em “Y” e X dá a “Y” um “Z”, que elas sabem que isso é transferência e dar a alguém algo. Portanto, elas aprendem inicialmente para verbos individuais e, em seguida, encontram os padrões. Em última análise, tanto o aprendizado de palavras quanto o

⁶ Tomasello se refere ao livro: “Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure” de Adele E. Goldberg, publicado em 1995. Dez anos depois, em 2005, o próprio Michael Tomasello publica o livro: “Constructing a Language: A Usage-Based Theory of Language Acquisition”.

⁷ O autor usa palavras inventadas para ilustrar que as pessoas entendem a construção das frases, independente de seus conteúdos.

aprendizado de construções é aprender um emparelhamento entre uma forma - uma forma linguística - e uma função ou significado. E é apenas no caso das palavras, seu aspecto fonológico concreto, como a palavra 'pedra' ou algo assim e o significado é um referente concreto. E no caso das construções, tudo é mais abstrato. Você tem um padrão de como as coisas se encaixam e ele está associado a um significado abstrato como 'alguém fez algo para alguém', certo? Portanto, ainda é um emparelhamento de forma e função. De maneira geral, você pode olhar para a aprendizagem de palavras e de gramática ou de construções gramaticais de forma geralmente semelhante. E ambos exigem atenção conjunta e compreensão das intenções comunicativas da pessoa que o utiliza e tudo mais. Portanto, essa foi a grande percepção para mim e tudo isso foi reunido no livro de 2005 sobre construções de uma linguagem. E nesse livro, tentei chegar a uma maneira atrativa de resumir tudo isso. Nesse livro, eu digo que isso depende de dois conjuntos de habilidades, o que chamo de leitura intencional e descoberta de padrões. Leitura intencional inclui atenção conjunta e toda a pragmática, que é sobre quais são suas intenções comunicativas. Portanto, leitura intencional e descoberta de padrões estão presentes na aprendizagem de palavras e na aprendizagem de construções, apenas de maneiras diferentes e talvez em diferentes graus. Portanto, você está encontrando padrões, mesmo na aprendizagem de palavras, e na aprendizagem de construções, também há a leitura intencional. Portanto, quando você usa uma determinada construção, eu tenho que entender por que a construiu daquela forma, por que você está falando na passiva e por que você está [usando] "*the man got hit by the truck*" ao invés de "*the truck hit the man*". Bem, é porque o tópico da nossa conversa era o homem, não o caminhão e assim por diante. Portanto, leitura intencional e descoberta de padrões são nossos termos resumidos para os processos que ocorrem tanto na aprendizagem de palavras quanto na aprendizagem de construções.

Entrevistadores: Ok, e o senhor quer dizer que essas construções são adquiridas (aprendidas)? Ou as crianças já nascem com elas?

Tomasello: Não, elas as aprendem. No entanto, pode haver alguns universais porque elas se baseiam na compreensão humana universal de como o mundo funciona. Quando você diz: "*the gazzler mibbed the toma*", alguém fez isso para causar uma ação. As pessoas do mundo todo pensam em termos de causa, um agente causando algo com um objeto. Então, temos alguns universais cognitivos que estão subjacentes à aquisição dessas construções e temos alguns universais pragmáticos ou comunicativos sociais. Então, em todas as línguas nós destacamos coisas e colocamos coisas em segundo plano, certo? Eu praticamente não sei nada sobre português, mas tenho certeza de que vocês têm uma construção que é semelhante de um jeito ou de outro àquilo que em inglês chamamos de uma "construção clivada". Assim, em vez de dizer "John quebrou a janela", eu digo "foi John quem quebrou a janela". Certo? Vocês devem ter algo parecido com isso. Ok, então quando eu uso isso? Bem, quando alguém diz "Mary quebrou a janela" e eu digo "não, você está errado, foi John quem quebrou a janela". É uma construção muito estranha, na verdade, porque você está colocando a informação principal em uma oração subordinada, "foi John quem quebrou a janela", então suas orações subordinadas estão em segundo plano, a ação está em segundo plano, mas a razão pela qual você coloca John em destaque é porque essa pessoa

pensou que Mary fez isso. E foi John. Cada língua tem sua própria versão de suas construções, mas a ideia é que elas são comumente entendidas, em termos de cognição, comunicação e pragmática. E também em termos de destacar e colocar em segundo plano... todas essas são capacidades humanas universais e são canalizadas para a aprendizagem da língua e o estabelecimento de construções, de maneira única, em diferentes línguas. E é por isso que o estudo da tipologia linguística é tão importante... é para descobrir quais são os parâmetros de variação, quanta variação pode existir e que tipos de variação podem ou não podem existir. Chomsky e alguns dos linguistas formais, gostam de dizer que existem certos tipos de línguas que não podem existir, e eles têm uma explicação, mas eu diria que é porque elas estão fora do âmbito das capacidades humanas em geral, e não por causa da gramática universal ou algo assim. Então, sim. A resposta específica para a sua pergunta é que as construções são específicas das línguas, mas existem alguns universais que surgem da cognição humana universal, da cognição social e da comunicação.

Entrevistadores: Está quase acabando nosso tempo, mas temos uma última pergunta. Sabemos que existem vários centros de pesquisa em aquisição de linguagem em todo o mundo que usam suas teorias como base para pesquisas. Por exemplo, aqui em João Pessoa existe o LAFE - o Laboratório de Aquisição da Fala e Escrita, que tem como coordenadora a professora Marianne Cavalcante. E temos várias pesquisas desenvolvidas no LAFE a partir da sua proposta teórico-metodológica. Isto significa que já formamos muitos mestres e doutores neste laboratório. Como o senhor se sente sobre sua contribuição original para o estado da arte na aquisição da linguagem?

Tomassello: Bem, nos Estados Unidos e na Europa, que é o que conheço melhor, porque trabalhei muitos anos na Alemanha e nos EUA, uma das razões para isso é que os psicólogos e os fonoaudiólogos são os que estudam a aquisição da linguagem e tendem a se concentrar no aprendizado de palavras, na pragmática, no discurso e em todas as coisas interessantes e divertidas. Eles deixam a gramática para os linguistas e na América e na Europa isso significa a linguística chomskyana. Eles não têm nenhuma noção de função, pragmática, aprendizado tomada de perspectiva, leitura intencional e descobrimento de padrões. Então, fiquei muito frustrado porque na América e na maior parte da Europa, o estudo da sintaxe e da gramática não está seguindo nessa direção gramatical de construções. Há outras coisas que são interessantes. Eu estou fazendo pesquisas com os macacos e então, eu apenas segui em uma direção um pouco diferente, eu poderia ter ficado mais tempo na aquisição da linguagem se tivesse havido mais discussão sobre esse tema. Eu sei que há muitas pessoas na Escandinávia que estão usando a teoria em alguma pedagogia linguística com vários tipos de crianças com problemas de linguagem. E reconheço que algumas pessoas do seu país também estão usando. Então está sendo usado ao redor do mundo, mas a pesquisa básica do tipo que eu fiz, como crianças com desenvolvimento típico de um e dois anos de idade, como elas aprendem construções não está sendo feita tão amplamente quanto eu acho que merece. Mas fico muito satisfeito quando é usado por vocês e por outras pessoas. Seria ótimo se as pessoas entendessem essa vertente um pouco mais e levasse adiante.

Entrevistadores: Muito obrigado pelas informações, por todo o seu tempo e por todas as respostas que o senhor nos deu hoje. Elas realmente vão nos ajudar a entender melhor suas pesquisas, suas ideias e todo o seu trabalho. Estamos muito gratos por sua participação na entrevista. Espero que o senhor tenha um bom dia e continue fazendo o trabalho incrível que faz por bastante tempo.

Tomasello: Muito obrigado. Agradeço a vocês por todo o esforço que vocês fazem para compartilhar ideias e disseminar informações. Obrigado.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2202.R>

Editoras

Marianne C. B. Cavalcante

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1409-7475>

Alessandra Del Ré

Instituição: Universidade Estadual Paulista

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6740-9631>

Christelle Dodane

Instituição: Université Sorbonne Nouvelle

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3733-1263>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: José Moacir Soares da Costa Filho

Afiliação: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1755-2525>

Avaliador 2: Fábila Sousa de Sena Costa

Afiliação: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6383-952X>

AVALIADOR 1

O texto submetido corresponde a uma entrevista realizada com Michael Tomasello a respeito de sua contribuição para os estudos em aquisição da linguagem, especialmente sobre os conceitos trazidos em obras que são mencionadas ao longo da entrevista, a exemplo de "A Natural History of Human Thinking", "Becoming Human: a Theory of Ontogeny", "The Cultural Origins of Human Cognition" e "Constructing a Language: a usage-based theory of Language Acquisition".

A entrevista começa com uma breve introdução, em que os autores apresentam o pesquisador entrevistado, bem conceitos e direcionamentos teóricos importantes para áreas como Aquisição da Linguagem, Antropologia e Primatologia. Para fins de ênfase às pesquisas desenvolvidas em território brasileiro, os autores exemplificam dois centros, na Paraíba e em São Paulo, destacando ainda que há outros centros que desenvolvem estudos a partir das contribuições de Tomasello. Nesse ponto, sugiro que tais centro, destacados no texto como "diversas outras partes do mundo", sejam também citados para ampliar a capacidade didática da produção submetida à revista.

As perguntas que compõem a entrevista são elaboradas de modo coerente, fluído e objetivo, direcionando a discussão de maneira extremamente proveitosa e rica para seus futuros leitores.

Por se tratar de uma tradução do inglês (língua em que a entrevista foi concedida) para o português, é necessário verificar algumas construções (destacadas no texto original submetido, no qual também deixo comentários), de modo que a fluidez da leitura não seja comprometida, nem que haja possíveis construções ambíguas.

O ponto mais forte da entrevista é, sem dúvida, a possibilidade de esclarecer, por meio das palavras do próprio Tomasello, conceitos e perspectivas presentes em sua teoria, que, por vezes causam questionamentos e dúvidas durante a leitura do autor em seu original. Como os próprios entrevistadores dizem ao entrevistado ao final da entrevista, as respostas dadas "vão nos ajudar a entender melhor suas pesquisas, suas ideias e todo o seu trabalho". Desse modo, o resultado dessa entrevista é um texto claro, esclarecedor e didático ao ponto de ser vista pelos leitores como uma aula proferida pelo Michael Tomasello.

Recomendo que a entrevista seja aceita para a publicação tão logo os autores façam algumas correções textuais sinalizadas no manuscrito.

AVALIADOR 2

Prezados,

O artigo apresenta relevante conteúdo, uma vez que nos revela a contribuição no campo da aquisição de linguagem e os conceitos desenvolvidos através de décadas de estudos e experimentos tanto com crianças como com chimpanzés realizados por Michael Tomasello, além de explicar sua visão sobre o desenvolvimento das capacidades sociocognitivas por meio da intencionalidade compartilhada e a importância do contexto intersubjetivo, conceitos bastante caro para os estudiosos da área. O artigo é bem escrito, não há correções ortográficas e nem gramaticais a serem realizadas. Apresenta uma linguagem acessível e de fácil compreensão, não há inconsistência nos conceitos apresentados. Desse modo, recomendo a publicação.

Artigo: Aceito sem recomendações.

ENTREVISTA

Tomasello's interview¹

Tatiana Ramalho BARBOSA 

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Henrique Miguel de Lima SILVA 

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Rosana Costa de OLIVEIRA 

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Raissa Teixeira GOUVEIA 

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Marianne C. B. Cavalcante (UFPB)
- Alessandra DEL RÉ (Unesp)
- Christelle Dodane (Université Sorbonne Nouvelle)

REVISADO POR

- José Moacir Soares da Costa Filho (IFPB)
- Fábria Sousa de Sena Costa (UFPB)

FECHAS

- Recibido: 16/10/2023
- Aceptado: 12/03/2024
- Publicado: 09/09/2024

CÓMO COTIZAR

Tomasello's Interview. (2024).
Tatiana Ramalho Barbosa; Silva,
Henrique Miguel de Lima;
Oliveira, Rosana Costa de;
Gouveia, Raíssa Teixeira. v. 23, n.
2, p. 877-891, 2024.

Michael Tomasello es un psicólogo estadounidense e investigador del lenguaje que es profesor en el departamento de Psicología y Neurociencia de la Universidad de Duke, Carolina del Norte, EE. UU. Es también director emérito del Instituto Max Planck de Antropología Evolutiva en Leipzig, Alemania. En parte de su carrera dedicó, especialmente en el comienzo, para elaborar su teoría socio cognitiva sobre adquisición del lenguaje humano, diferenciándolo de las formas de comunicación de los animales. Tomasello ha llevado a cabo cientos de experimentos tanto con primates como con niños para llegar a su concepto sobre la revolución ontogenética que presentó primero en su libro 'The Natural History of Human Thinking'², y que más recientemente ha perfeccionado en el libro 'Becoming Human: a Theory of Ontogeny'³. Sus ideas han resignificado los estudios en la adquisición del lenguaje y la psicología social, además de ser basis teórica para incontables estudios desarrollados en diversos centros de

¹ Esta entrevista fue publicada en lengua inglesa en el periódico: *International Journal of Language and Literature*, Vol. 11, No. 2, p. 27-34, en Diciembre de 2023. ISSN:2334-2358 (Online). URL: <https://doi.org/10.15640/ijll.v11n2a4>

² Obra publicada en español en 2019 bajo el título: Historia natural del pensamiento humano.

³ Obra publicada en español en 2021 bajo el título: Lo que nos hace humanos: una teoría de la ontogenia.

referencia en adquisición del lenguaje en Paraíba, en San Pablo, en Río Grande del Sur y en otros países que están en el Sur Global..

Los conceptos elaborados y discutidos por Tomasello van más allá de la adquisición del lenguaje y permean las preguntas que muchos ya se han planteado: a pesar de tener alrededor del 99% de material genético similar al de los chimpancés, ¿por qué sólo los humanos fueron capaces de desarrollar habilidades lingüísticas para construir artefactos tecnológicos en un tiempo relativamente corto desde el punto de vista de la evolución de las especies?

Esas y otras preguntas son discutidas en esta entrevista inédita para la Revista da Abralín, ella que Michael Tomasello habla sobre su contribución en el campo de la adquisición del lenguaje y los conceptos desenvueltos por él tras décadas de estudios y experimentos no solo con niños, pero también con chimpancés. Además, detalla sobre la hipótesis del efecto trinquete en el desarrollo humano, que ofrece una explicación para la comprensión de las bases ontogenéticas, y presenta su trayectoria y contribuciones para la pesquisa en esta área.

El trabajo empírico que Tomasello ha realizado contribuye directamente al estado del arte de los estudios en socio-cognición, adquisición del lenguaje y desarrollo humano, desde una perspectiva ontogenética, creando, así, las bases para una teoría sociopragmática de adquisición del lenguaje, en oposición a la teoría innatista de su contemporáneo y también estudioso del tema, Noam Chomsky.

El investigador también explica su punto de vista acerca del desarrollo de las capacidades sociocognitivas a través de la intencionalidad compartida, otro concepto que especifica en la entrevista. Al final, Tomasello expresa su satisfacción al observar que en Brasil existen varios laboratorios y que las personas están siguiendo investigaciones basadas en sus teorías. A pesar de la importancia de sus conceptos en el área de la adquisición del lenguaje, la mayoría de sus libros y artículos están en inglés, de manera que hay una amplia circulación de conocimientos. Sin embargo, decidimos publicar esta entrevista traducida para que sus conceptos sean más accesibles para los investigadores cuya primera lengua sea el portugués o el español.

Entrevistadores: Comencemos con su libro "Una Historia Natural del Pensamiento Humano", en el cual usted resignifica los estudios en la adquisición del lenguaje, generando una profunda discusión sobre la Teoría de la Ontogenia. ¿Podría explicar esta teoría?

Tomasello: Bueno, el libro sobre "La Historia Natural del Pensamiento Humano" trata sobre la evolución y luego la ontogenia es parte de la evolución. Pero en realidad se trata de cómo los humanos llegaron a lo largo del tiempo evolutivo a ser capaces de unir sus mentes para hacer cosas juntos: colaborar, tener una conversación como la que estamos teniendo ahora. Yo tengo una propuesta teórica general de que la evolución humana ocurrió en dos etapas. Hubo un primer paso, donde los humanos aprendieron a colaborar con otros individuos de maneras que otros chimpancés, por ejemplo, nuestros parientes primates más cercanos, no lo hacen. Esto fue algo nuevo en la evolución humana, y tenemos muchos experimentos que muestran cómo los niños pequeños pueden colaborar entre sí, cómo coordinan, cómo establecen metas y compromisos conjuntos para hacer algo juntas. Y también, cómo ellas monitorean el comportamiento del otro, cómo comparten los recursos que recopilan en colaboración, los comparten equitativamente y así sucesivamente. Y luego el segundo paso es la colaboración a nivel cultural y, de hecho, ahí es donde comencé: en los aspectos culturales. Creo que la colaboración es un primer paso y es en la cultura donde obtienes convenciones, como las del lenguaje, normas sociales e instituciones y todo tipo de actitudes a nivel de grupo. O sea, son momentos que existen porque los humanos acuerdan y todo el grupo acepta vivir según ciertas normas, y así sucesivamente. Así que, sobre la ontogenia, mi propuesta, especialmente en el libro "Lo que nos hace humanos: una teoría de la ontogenia", defiende que los niños humanos pasan por esos mismos dos pasos. Comienzan colaborando con otros, realizando tareas simples juntos, construyendo una torre de bloques juntos, o mamá quiere vestirlos y tienen que ajustarse y lo hacen juntos: el niño hace su parte, mamá hace la de ella, y le lanzan una pelota a alguien y la reciben de vuelta... o lo que sea. Aunque estas tareas nos parezcan bastante simples, infantiles, la naturaleza de la colaboración es diferente de lo que hacen otros animales. Y así que ya desde temprana edad, hay algo especial sucediendo con esos niños pequeños. Y luego más adelante, alrededor de los tres años aproximadamente, vamos a llegar a esta forma más convencional y cultural de actuar, donde los niños comienzan a interactuar, a entender las normas sociales y a hacer cosas similares a otras de un mismo grupo. Después de eso, podrán comprender las instituciones sociales, culturales y etc. Entonces, básicamente, estoy diciendo que la ontogenia refleja la evolución humana y te ofrece esos mismos pasos básicos. Y esta es toda la teoría de los aspectos que son exclusivos de los humanos. Vygotsky hizo esa propuesta de manera general, sobre lo que es único en el ser humano: la cultura, las prácticas y actividades culturales. Recién hicimos estos experimentos comparativos entre niños y chimpancés, nuestros parientes más cercanos, y tratamos de mostrar que sí, en efecto, él tenía razón. Estas son las características exclusivamente humanas y están todas relacionadas con la colaboración y la cultura. De cierta manera, hemos llenado el trabajo empírico que Vygotsky no hizo y llegamos a estos dos pasos donde hay colaboración antes del paso cultural. Si piensas en otros animales, en su mayoría, cada uno de ellos está por su cuenta, intentando descubrir cómo hacer cosas, cómo resolver problemas, y así sucesivamente. Pero con los humanos, no podríamos hacer

nada por nosotros mismos, pues, hacemos todo en un contexto cultural en interacción con otros. Incluso lo que todos hacemos, como la ciencia, nadie hace su ciencia solo, lo hacemos en equipos. Y así que todo se trata de unir nuestras mentes y ser capaces de hacer más de lo que cualquier persona podría hacer sola. Eso es realmente lo que hace que nosotros seamos tan diferentes de los primates no humanos.

Entrevistadores: Llamó nuestra la atención, en este libro que mencionó, "Lo que nos hace Humanos", usted planteó en la conclusión de ese libro que tiene una teoría neo-vygotskyana. ¿De qué maneras son similares? ¿Su teoría y la de él?

Tomasello: Yo diría que él tenía la hipótesis que creo que resultó ser correcta. A pesar de que él estaba investigando en un tiempo que no había casi ningún experimento con chimpancés. Quiero decir, él realmente hace referencia a la investigación de Wolfgang Köhler con primates en un par de sus libros, pero él acertó. Todo lo que estamos haciendo es llenar los vacíos, en cierto sentido. Así que lo que digo en el libro "Lo que nos hace humanos" es que, según entiendo, Vygotsky comenzó trabajando con niños que tenían varios tipos de dificultades: físicas y cognitivas. Él notó que ellos se beneficiaban de herramientas para ayudarlos. Los niños ciegos podían leer en Braille y los niños con discapacidades físicas tenían muletas o anteojos. Y los humanos tienen todas estas prótesis o herramientas para ayudarlos. Entonces, él dijo: "eso es lo que todos los humanos están haciendo, ¿verdad? Incluso aquellos que no tienen problemas obvios, estamos todos dependiendo de lo que la cultura nos brinda: las herramientas, los símbolos, el lenguaje". Y ese fue mi punto de partida, que creo que se comprobó absolutamente cierto. Él estaba en lo correcto en su teoría, y lo que hicimos de manera diferente a Vygotsky fue simplemente enfatizar ese componente cultural. Los humanos no podrían desarrollarse de la manera en que lo hacen sin el apoyo de las herramientas de la cultura. Entonces, él no enfatizó lo que los niños humanos hacen que les permiten absorber la cultura y beneficiarse de ella. Muchos de nosotros tenemos mascotas que crecen en nuestra casa. Tengo un perro. El perro no aprende toda esta cultura. Tratamos al perro como a un humano, le hablamos. Nos emocionamos como si fuera un humano... Lo siento, pero no se convirtió en un niño. Hay que tener el componente biológico, habilidades evolutivas y capacidades para aprovechar la cultura. Y, por supuesto, sabemos que algunos niños, por ejemplo, con autismo. Sabemos que el autismo es un espectro, pero los niños con autismo grave tienen muchas dificultades para aprovechar los aspectos culturales, para aprender el lenguaje, para jugar colaborativamente con los demás y entender esas cosas a nivel de grupo. Entonces, eso es lo que realmente agregamos: enfocarnos en esas habilidades que permitirán eso. Y esta fue otra pregunta que siempre me hacen, que es donde entra esta noción de intencionalidad compartida. En estas dos etapas que mencioné antes, la colaboración y la cultura. Los términos técnicos que adoptamos son intencionalidad conjunta para la colaboración e intencionalidad colectiva para la cultura. Y cada uno de estos es un término general que abarca muchas habilidades. La intencionalidad conjunta, que surge alrededor de los 9 meses a un año, incluye acciones como la atención conjunta, señalar para compartir la atención con los demás, imitación, e incluye señalar para obtener una comunicación referencial, es decir,

cooperativamente. Ellos simplemente señalan para decir: "oh, eso es interesante" o "mira allá". Por lo tanto, todas estas cosas son habilidades específicas que, no solo yo, sino también otros investigadores nos hemos enfocado y que entran en esta categoría general de intencionalidad conjunta. Nadie había pensado en estos aspectos ni las había investigado en la época de Vygotsky. Entonces, él no identificó ninguna de ellos. Él solo tuvo la percepción general. De manera similar, con respecto a la intencionalidad colectiva, como mencioné antes, aptitudes como: entender normas culturales, convenciones e instituciones, así como entender sobre grupos, vivir en conformidad con la colectividad y enseñar. Uno de los puntos que nosotros, en nuestro primer artículo sobre el aprendizaje cultural que se remonta a la década de 1990, señalamos es que, para beneficiarse de la enseñanza, se deben tener ciertas habilidades cognitivas. Nuevamente, puedes intentar enseñar algo a tu gato, quiero decir, puedes entrenarlo, por supuesto, puedes entrenarlo con recompensas y castigos, pero no aprenderá de la enseñanza, solo cuando le muestres algo. Y hay esta investigación de Gergely y Scibra sobre la postura pedagógica que va en esta dirección, donde debes tener una especie de teoría de la mente para saber lo que la otra persona está tratando de enseñarte y ser capaz de aprender de ello. Por lo tanto, eso forma parte de esa segunda etapa con la intencionalidad colectiva también. Entonces, nos hemos centrado en la evolución y desarrollo de las habilidades cognitivas, sociocognitivas, de aprendizaje social y de comunicación que te permiten aprovechar la cultura. De esa manera, agrandamos la percepción original de Vygotsky con mucho más detalle.

Entrevistadores: Aunque ya ha mencionado, pero nos gustaría que detallase más sobre la intencionalidad compartida y la importancia del contexto intersubjetivo.

Tomasello: Sí. Voy a empezar con un ejemplo y luego llegaré a la intencionalidad compartida, pero finjamos que estamos en la misma habitación o podemos hacer esto: digo "mira" y tú miras allá [*señalando la estantería de libros*], ves esta estantería de libros con cientos de libros y dices "ok, no tengo idea de a qué estás señalando, no sé por qué estás señalando, no sé a qué estás señalando". Por lo tanto, los niños aprenden a entender lo que las personas les están comunicando con el gesto de señalar, pero no puedes simplemente mirar en la dirección del punto. Yo, a veces, interpreto el gesto de señalar como "mira allá y sabrás a qué me refiero". Así que supongamos que acabamos de hablar sobre mi libro "Lo que nos hace humanos" y todos lo tienen y saben cómo es. Y hago esto [*señalando los estantes*] mientras conversamos sobre eso y, por supuesto, eso es lo relevante y sabes exactamente a qué estoy señalando y por qué lo estoy señalando. ¿De dónde viene eso? No está en el dedo, ¿verdad? Simplemente estás mirando allá, así que ese es nuestro contexto intersubjetivo, sabemos de qué estamos hablando. Tenemos un contexto y la comunicación humana depende de eso. Y, por lo tanto, señalar es obvio, porque no hay contenido en el dedo que señala, pero también es cierto en el lenguaje. Si transcribes tu propio discurso o el discurso de cualquier otra persona con la que interactúas, en una hora, apuesto a que tendrías miles de ejemplos de pronombres: 'él', 'ella' y 'ello'. Bueno, ¿cómo sabes a qué se refiere "ello"? Si solo digo: "ah, sucedió". Ok, ¿qué sucedió, lo sabes? Pero si acabamos de hablar sobre una tormenta o algo así, y digo "oye, está sucediendo". Sabes de qué estoy hablando. Por lo tanto,

el contexto intersubjetivo es que ambos sabemos dónde estamos. Ambos sabemos sobre qué estamos pensando, qué estamos diciendo en nuestras mentes, en qué estamos prestando atención y, por lo tanto, la comunicación funciona de una manera que no funcionaría sin eso, y los pronombres son un excelente ejemplo. También en el discurso, en la conversación, tenemos lo que a veces se llaman inferencias de conexión, donde digo algo como "¿quieres ir al cine esta noche?" Y tú dices: "oh, tengo que levantarme temprano mañana" o, mejor aún, "tengo un examen mañana" si eres estudiante, y digo "ok". Por lo tanto, entiendo que quieres decir 'no'. ¿Cómo entiendo que quieres decir "no"? Porque hacer un examen por la mañana significa estudiar esta noche, estudiar esta noche significa que no puedes ir al cine, todo eso debe ser nuestro contexto intersubjetivo, ambos sabemos esas cosas. Y es por eso por lo que sé que cuando dices "tengo un examen por la mañana" significa "no", de lo contrario, ¿cómo puedo descubrirlo? Por lo tanto, los pronombres y el relleno de lagunas en el discurso, todo eso depende de cosas que simplemente podemos asumir que sabemos. Tuvimos un experimento con niños de tres años. Entramos en una habitación y había dos muñecas y una de ellas era Papá Noel. Entonces, había una muñeca de Papá Noel y había esta otra muñeca y miramos justo entre ellas, así que no había referencia, y dijimos: "nuestra, conozco a ese tipo y ¿puedes dármelo?" y todos los niños entregaron a Papá Noel. Porque saben que, en nuestra cultura, debes conocer a Papá Noel. Ese es el contexto intersubjetivo que pueden inferir sin siquiera tener una experiencia común con un individuo. Y así, el contexto intersubjetivo es esta especie de dimensión oculta del conocimiento compartido sobre el mundo y de las convenciones y las perspectivas compartidas de las cuales depende nuestra comunicación. Nuestra comunicación no podría funcionar sin eso. Y, nuevamente, simplemente señalaría a los pronombres. Los pronombres están en cada otra oración que decimos y no sabríamos a qué se refieren si no tuviéramos este contexto intersubjetivo del momento.

Entrevistadores: ¿Quiere decir que, por ejemplo, con los niños de un año, la intencionalidad se relaciona únicamente con sus conespecíficos (las personas que son sus tutores, madre, padre) o sucede con todos aquellos con quienes entran en contacto?

Tomasello: Es en este punto donde entran en juego las dos etapas. Tenemos numerosos experimentos que demuestran que los niños de un año, y quizás de dos años, comprenden el contexto intersubjetivo con otros individuos. Si usted y yo compartimos este objeto [*mostrando una pluma*] "oh, es genial". Y luego compartimos este objeto [*mostrando un par de anteojos*]. "Oh, ¿no es genial?" Y ahora salgo de la habitación y usted comparte este objeto con otra persona [*mostrando una pluma diferente a la primera*]. Y ahora los tres objetos se colocan frente a los niños y vuelvo a la habitación y pregunto "vaya, ¿qué es esto?" Ellos saben que estoy emocionado y sorprendido por ese objeto que no experimentamos juntos. Por lo tanto, estos niños pequeños, de un año, saben esto, saben lo que usted y yo experimentamos juntos, pero en realidad no tienen idea del contexto intersubjetivo cultural. En realidad, no hemos realizado este experimento con Santa Claus, pero la predicción sería que fallarían en ese caso porque aún no tienen la capacidad de pensar "oh, todos saben acerca de Santa Claus". Solo saben que usted y yo no interactuamos con Santa Claus juntos, pero no generalizarían al grupo cultural en

general. Es cierto que algunos niños utilizan cosas que consideramos convenciones lingüísticas compartidas en nuestro contexto intersubjetivo. Pero realmente no las comprenden como convenciones hasta alrededor de los tres años. Entonces, si inventara algún nombre y llamara a esto [*mostrando una pluma*] "toma" o algo similar, solo alrededor de los tres años los niños harían la inferencia de que todos en el grupo lo saben, y que alguien que habla un idioma extranjero no lo sabe. Pueden distinguir entre las personas que conocen la convención y las que no la conocen. Nuevamente, hay esta diferencia en la comprensión del contexto intersubjetivo y todos estos aspectos en una etapa alrededor de los nueve meses y otra etapa alrededor de los tres años. Por lo tanto, en este caso, sería: contexto intersubjetivo personal entre dos personas y contexto intersubjetivo cultural, que son cosas que todos compartimos en la cultura.

Entrevistadores: En su opinión, con relación a esta primera etapa que usted ha mencionado, ¿ella ocurre de la misma manera con todos los niños, en todo el mundo?

Tomasello: Sí. Diría: todos los niños con desarrollo típico. No hemos probado, por supuesto, todas las diferentes culturas, pero yo creo que sí. Y una de las cosas es que el gesto de señalar parece ser universal. Ahora, por supuesto, no hemos estudiado todas las culturas, pero te contaré una anécdota interesante - recuerda que señalar depende del contexto intersubjetivo - No puedes comunicarte señalando sin contexto intersubjetivo. Así que creo que una anécdota interesante es que hay algunas culturas donde los adultos en realidad no señalan y tienden a hacer cosas como esta con la barbilla [*moviendo la cabeza para señalar algo con la barbilla*]. Claro. Así que tenía algunos amigos antropólogos que decían: "oh, hay algunas culturas donde no señalan", ¡y yo me sorprendí! Supongo que es porque soy un psicólogo y pienso en términos de universalidad, de la especie humana... y me sorprendió. Y entonces le dije a esta persona: "la próxima vez que vayas allá, por favor, observa a los niños para mí, los bebés, los de un año". Resulta que las madres señalan a sus bebés de un año, incluso en esas culturas donde los adultos no señalan, y los niños señalan. Pero luego, se vuelve algo indebido o algo así. Y en algún momento dejan de hacerlo. Y hemos realizado un estudio - fue con niños occidentales - fue con niños de Canadá y luego con dos niños de culturas muy pequeñas, una en la India y otra en Perú, y eran culturas no letradas, de agricultura de subsistencia a pequeña escala. Y cuando observamos - lo que llamo "cosas de un año de edad" -, probamos a estos niños en estas tres culturas muy diferentes, para cosas de un año de edad. Con cosas de tres años de edad, pueden comenzar a ser muy diferentes porque entienden más su cultura y hacen muchas cosas. Pero en cosas de un año de edad: atención conjunta, imitación, colaboración, gesto de señalar. No solo los niños en las tres culturas hicieron estas cosas, sino que surgieron más o menos a la misma edad en que los probamos. De hecho, hicimos una prueba experimental. Los hicimos comprender el gesto de señalar, los hicimos imitar cosas, los hicimos colaborar. Así que sí, creo que las cosas de un año de edad son universales. Con cosas de tres años de edad, las bases son universales, en el sentido de pensar en convenciones y todo eso, pero, por supuesto, las convenciones en cualquier cultura son diferentes. Las normas sociales en cada cultura son diferentes. Así que creo que hay algunas capacidades universales, incluso en la transición de tres años. Pero

luego, por supuesto, el contenido se vuelve muy diferente en diferentes culturas después de los tres años de edad y durante la infancia.

Entrevistadores: Eso es lo que estábamos pensando, porque sabemos que los gestos son muy culturales. Así que cada cultura tiene diferentes tipos de gestos. Por eso pensamos, "¿esto sucede de la misma manera en todos los países?", pero ahora entendemos que hay diferencias entre las características de los niños de un año de edad y las de tres años.

Tomasello: Sí, pero nuevamente, los gestos particulares pueden ser diferentes incluso para los niños de un año de edad. Pero el punto es que hacen estas cosas y las aprenden imitando a los adultos que las hacen y todo eso. Por cierto, no creo que aprendan a señalar imitando a los adultos. No estamos seguros, pero tenemos un estudio en el que les dimos a los niños más oportunidades para señalar. Reclutamos a las madres para que tuvieran una sesión de 30 minutos todos los días en la que hicieran más señalamientos para bebés de ocho meses que aún no estaban señalando, y luego las otras madres, en una condición controlada, tocaban música con sus hijos, o algo que no involucraba señalar como un grupo de control. ¡Y los niños comenzaron a señalar a la misma edad! Tratamos de brindarles más experiencia y ver si eso tenía un efecto y no lo tuvo. Así que creo que el gesto de señalar viene de manera natural. Y luego, los tipos de gestos de los que estás hablando, que son específicos de culturas particulares, se aprenderán de la misma manera en que aprendes palabras. Se aprenderán observando a otras personas usándolos para propósitos particulares. Y luego entiendes cuál es el propósito o la intención y lo usas cuando tienes esa intención tú mismo, lo usas hacia otras personas, de la misma manera en que ellos lo usaron contigo.

Entrevistadores: Hasta ahora, estamos hablando solo de niños. Pero sé que has realizado muchos experimentos con chimpancés o primates, ¿verdad? En tu opinión, ¿qué diferencia a los primates humanos de los primates no humanos?

Tomasello: Bueno, todo esto tiene que ver con esa cuestión de la intencionalidad compartida, donde la intencionalidad compartida es el término general amplio, pero que abarca muchas cosas diferentes. Y diría esto: observé chimpancés durante aproximadamente un mes en África. Fui allí y realicé un trabajo de campo y los observé. Y te prometo que, si te dejara en la selva con los chimpancés, te perderías en aproximadamente un minuto y no podrías encontrar comida, no podrías trepar árboles como ellos, nada de eso. Estas son criaturas increíblemente competentes que usan herramientas, de la manera en que usan las herramientas, como los adultos las usan, las han estado usando durante años. Las usan con más competencia de la que tú podrías usarlas. Navegan por el bosque con más competencia de la que podrías hacerlo. Hemos realizado experimentos que demuestran que en realidad entienden que otros tienen metas, están trabajando para eso. Así que pueden aprovechar el hecho de cuándo puedes y cuándo no puedes ver algo. Así que tienen una especie de teoría de la mente. No una teoría de la mente humana, sino una especie de teoría de la mente. Pueden aprender cosas de los demás. Así que

son increíblemente competentes como individuos. Pero es esta cuestión de poner sus cabezas juntas. Y uno de los ejemplos que uso para enfatizar este punto, y este es el punto Vygotskyano. Imagina a un niño criado en una isla desierta, completamente aislado de la cultura, de la interacción humana. Ese niño no tendría lenguaje, ese niño no sabría números ni numerales arábigos. No aprendería nada de los libros. Ninguna imagen. No sabría sobre la historia, no sabrían nada. Y mi propuesta es: sería muy similar a los chimpancés y otros primates. Sí, probablemente sería un poco diferentes, seguro, pero básicamente los humanos están adaptados para crecer en una cultura, poner sus cabezas juntas, aprender cosas y comunicarse. Y aprender socialmente y cooperar con todas las demás personas en la cultura. Y si quitas eso, tendrían esta capacidad. Tendrían estas habilidades. Pero no habría, quiero enfatizar: cuán inteligentes y competentes son como individuos, pero de alguna manera no ponen sus cabezas juntas: tanto para colaborar como para formar culturas y crear productos culturales que los niños aprenden enseñando e imitando. Y, por lo tanto, realmente se trata de eso, la intencionalidad compartida tiene que ver con poner las cabezas juntas, la atención conjunta, la comunicación lingüística, las convenciones, las normas. Todas estas cosas que forman parte de la vida cotidiana de los niños humanos en todas las culturas, yo creo, simplemente no forman parte de la vida de estos primates.

Entrevistadores: Entonces, ¿quiere decir que la primera fase que mencionó para los niños es la misma para los chimpancés y los primates? Quiero decir, ¿también hacen gestos para comunicarse? ¿Existen gestos similares?

Tomasello: Hacen algunos gestos, pero este es un buen ejemplo: no señalan. Entonces, ¿qué hacen? Hacen gestos, pero, por ejemplo, el gesto humano que es bastante común, digamos, en niños de ocho o nueve meses, si quieren que mamá los levante, van así, ¿verdad? [levantando los brazos]. Eso es universal porque es parte de la vida, estirarse y gatear y levantar los brazos, para que mamá pueda levantarlos y todo eso. Eso es lo que hacen los simios, y esto es muy interesante. Como decía, ¡son increíblemente inteligentes! Pueden hacer esto, pero no son referenciales. Por ejemplo, tú y yo podemos compartir la atención en algo allí, y ellos no señalan. No solo eso, todos sus gestos son imperativos: "¡haz esto!" "Dale, levántame". Hacen aseo y juegan, y el mensaje cada vez que se comunican es: "haz esto". Los niños humanos simplemente dicen: "oh, mira, ¿no es interesante?". Entonces, los gestos humanos son referenciales. Comparten la atención. Tú y yo compartimos la atención. Algunas veces lo he llamado, el triángulo referencial, tú, yo y la cosa de la que estamos comunicando. Y los primates no tienen ese triángulo. Y también la motivación es simplemente compartir la atención y no solo porque quieras algo. Entonces, casi todas estas cosas que he mencionado, puedes hacer esa comparación detallada entre los simios y los niños. Y encuentras que la diferencia siempre se trata de la intencionalidad compartida, tú y yo compartiendo un objetivo, compartiendo la atención y compartiendo una convención, compartiendo un grupo. Sabemos que lo compartimos, tenemos un contexto intersubjetivo al respecto y eso se aplica a todas las diferentes actividades en las que ambos participamos. Diré esto de otra manera, quizás llevando la intuición y haciéndola más concreta. Realmente no había pensado en ello hasta que alguien me pidió que escribiera un artículo hace uno o dos años, pero creo que si salieras

y treparas un árbol. Hagámoslo más realista. Digamos que algo te persigue, y no tienes tiempo ni para pensar. Simplemente estás trepando el árbol. Diría que lo que está sucediendo en tu cabeza es muy similar a lo que hace un chimpancé cuando trepa un árbol, ¿verdad? Sí, por supuesto, las personas de la cultura, los antropólogos, dicen "no puedes escapar de la cultura". "Siempre estás en una cultura" y estoy de acuerdo con eso. Pero solo estoy diciendo que, en ese momento, cuando estás corriendo, trepando el árbol, tu psicología, tu pensamiento, todo... es muy individualista. No estás colaborando con nadie, no estás pensando en otras personas, no estás empleando convenciones y normas y lenguaje y cosas por el estilo. Simplemente estás trepando un árbol como lo hacen los simios. O nadando, o corriendo por el bosque o incluso usando una herramienta como los chimpancés, donde usan algo para romper una nuez. Quiero decir, habrá cosas culturales a tu alrededor todo el tiempo, por supuesto, pero si puedes reducirlo, estás tratando de romper esta nuez. Entonces, los procesos cognitivos involucrados en las actividades son probablemente los mismos en humanos y en simios. Y así, tan pronto como comiences a enseñar a alguien al respecto, o comiences a hablar al respecto o te refieras a ello, de repente, ahora estás en el ámbito cultural y estás en un mundo que no existe para los simios.

Entrevistadores: Usted ha hablado sobre el efecto trinquete en el desarrollo humano. Dijo que es una explicación para comprender las bases ontogenéticas del desarrollo humano, ¿verdad? ¿Puede explicarnos este efecto trinquete?

Tomasello: Es una metáfora... Si estás trabajando en el motor de un automóvil, no puedes girar la llave alrededor como esto [*haciendo un círculo*] porque no hay suficiente espacio, así que giras y luego retrocedes [*haciendo gestos*] y solo avanza cuando lo haces hacia adelante y cuando retrocedes no hace nada, y lo empujas hacia adelante y avanza. Así que solo avanza. Solo mejora. Está bien, ese es el punto. Por lo tanto, la metáfora del trinquete fue -desde Charles Darwin- cuando Darwin decía que los humanos son parte de la evolución al igual que todas las demás especies, los ciudadanos de la Inglaterra victoriana decían: "¿de qué estás hablando? Tenemos telescopios, tenemos la ópera, tenemos el Parlamento británico. Y los simios están en la jungla. Somos tan diferentes. ¿Cómo podría ser parte del mismo proceso?". Y basándome en el trabajo de otras personas, especialmente en mi libro de 1999, "*The Cultural Origins of Human Cognition*"⁴, podemos ver que las ideas nunca son completamente originales, ¿verdad? Siempre estás tomando de otras personas todo el tiempo, pero tomando de otras personas, desarrollé la idea de que lo que es diferente es que los humanos tienen una especie de segunda línea de evolución, que es la evolución cultural. Ahora, es posible que hayas escuchado que los chimpancés viven en culturas y todo eso. A veces las personas dicen que otros animales tienen cultura, pero lo que sea que estén haciendo, no se acumula con el tiempo, están aprendiendo algunas cosas socialmente, pero no ves esta acumulación. Pero en los humanos, ves la acumulación de cosas, por lo que el telescopio del que hablan los victorianos -probablemente alguien no se sentó un día e inventó un telescopio. Probablemente tenían las lentes para mirar las cosas y un microscopio... entonces el

⁴ Obra publicada en español en 2007, bajo el título: Los orígenes culturales de la cognición humana.

telescopio tiene una historia. El Parlamento británico tiene una historia larga y complicada de consejos de lugares locales. Los idiomas tienen historias. Entonces, lo que tenemos es esta idea de que... digamos... tienes un grupo de personas haciendo algo de una manera, usando una herramienta de cierta manera, y un individuo tiene una invención brillante. Bueno, los humanos están contruidos de manera que todos lo aprenden de inmediato y este individuo incluso puede enseñárselo a todos. Así, ahora estamos en un lugar nuevo y, ahora, algún otro individuo puede tener alguna brillantez y ahora todos aprenden de él y luego otro individuo... entonces, no tienes que ser inteligente, no tienes que ser un genio brillante tú mismo. Solo tienes que poder participar en este proceso de aprender a partir de la brillantez de los demás y tal vez ocasionalmente contribuir con algo tú mismo para que todos los demás puedan aprender. Entonces, hemos reunido nuestros recursos cognitivos. Esto, de nuevo, creo que incluso en aquel entonces... no sé si realmente usé la metáfora antes... pero juntar nuestras cabezas e, incluso si no es como en el momento intencional, colaborar mientras construimos sobre las invenciones y formas de hacer de otras personas, colaboramos con ellas de alguna manera, con las personas que vinieron antes que nosotros. Y simplemente creo que lo que realmente lo pone en relieve son las diferencias culturales. Entonces, si miras tu país, tienes muchos grupos de cazadores-recolectores en medio del Amazonas que no tienen telescopios y que no tienen el Parlamento británico y no tienen nada que se acerque siquiera a eso. ¿Por qué? No los necesitan. Vivieron una vida donde no los necesitan. Y así, cada cultura desarrolla estas cosas cuando las necesita. Por qué el mundo occidental los necesitaba es una pregunta para las ciencias sociales en general, supongo. Pero, en cualquier caso, las culturas desarrollaron las cosas que necesitaban. Y muchas de las cosas que los cazadores-recolectores amazónicos han desarrollado son producto del efecto trinquete, como el arco y la flecha. Una persona no se sentó y creó un arco y una flecha en un minuto. El arco y la flecha tienen una historia, y ha mejorado con el tiempo, y tal vez tengan algunas estructuras sociales como el liderazgo, ya sabes, quién es el jefe y el liderazgo, y el consejo para discutir problemas. Y eso puede haber evolucionado con el tiempo histórico para funcionar de manera mejorada. Así que, todas las culturas tienen el proceso del efecto trinquete como una capacidad, porque requiere que los individuos puedan aprender socialmente uno del otro. De hecho, creo que el efecto trinquete requiere enseñanza, porque otros animales no se enseñan mutuamente, no enseñan a su descendencia de la misma manera que nosotros y tenemos adultos que se aseguran de que nuestros hijos aprendan cosas, ¿verdad? Nos aseguramos de que lo aprendan y eso ayuda al proceso de efecto trinquete porque nos aseguramos de que todos estén aprendiendo y luego puede avanzar. Entonces, el efecto trinquete fue mi propuesta... primero en 1993 y luego en 1999, para explicar cómo es que los humanos se ven tan diferentes y ha sido un tiempo evolutivamente corto, solo unos pocos millones de años, y nos vemos tan diferentes. Cuando miras a otros animales que solo se separaron hace unos pocos millones de años, se ven bastante similares... caballos y cebras, está bien, son especies diferentes. Se ven diferentes, actúan diferente, pero su cognición... ¿realmente es tan diferente? Probablemente bastante similar. Aquí estamos tan cerca de los chimpancés como los caballos están de las cebras y tenemos telescopios en el Parlamento británico y ellos están en la jungla. Así que esta es la explicación de por qué se ve tan diferente. Que se basa en estos procesos psicológicos bastante sutiles de aprendizaje social, conformidad. Enseñanza que

conduce a este otro proceso evolutivo de la evolución cultural, la historia cultural, el efecto trinquete, y ese proceso no existe en otras especies.

Entrevistadores: Mientras menciona sus trabajos de 1993 y 1999. Nos gustaría preguntarle: ¿ha habido algún cambio en relación con sus estudios sobre la adquisición del lenguaje desde el comienzo de su investigación hasta hoy?

Tomasello: Oh, sí. En realidad, no he estado trabajando tanto en la adquisición del lenguaje como lo hice hace algunos años. En la última década más o menos me he enfocado en otras cosas. Entonces, pensemos en adquirir palabras y adquirir construcciones gramaticales, y definiré lo que es una construcción en un momento. Entonces, con respecto a aprender palabras, todavía tengo la misma teoría que tenía hace décadas, a veces se llama Teoría Social Pragmática e informa sobre la atención conjunta, entonces me dices "oh, mira el "toma". Debo tener contexto intersubjetivo contigo, a qué te refieres con "toma", tenía que conocer tu intención y dirigir mi atención allí. Entonces, adquiero las palabras mediante el aprendizaje social, pero basándome en la atención conjunta y el contexto intersubjetivo, y realmente enfatizando la dimensión pragmática del proceso. Y esa teoría competía con el enfoque de restricciones de Markman y otros, y siento que ganamos el argumento, pero no he hecho investigación sobre el aprendizaje de palabras en varios años, así que no estoy seguro. Pero cuando comencé a hacer la adquisición del lenguaje, realmente no tenía la noción de construcción. Adele Goldberg escribió un libro en 1995 llamado "*Constructions*", y ese libro fue muy influyente para mí, y para el 2000, más o menos, la noción de construcción era muy central en mi forma de pensar al respecto, y aquí está lo fundamental acerca de la noción de construcciones. Entonces, Adele Goldberg, en su libro, dice, - voy a usar palabras inventadas aquí. Dado que no son hablantes nativos, debo resaltarles que estas son palabras inventadas, no son palabras en inglés. - Voy a decir algo como "*the toma mibbed the gazzer*" y sabes lo que está sucediendo. Si sabes algo sobre el inglés, sabes que "el Toma" está haciendo algo al "gazzer" y así que ese significado está en el patrón, en la construcción de sustantivo-verbo-sustantivo, como en la forma en que funciona la gramática inglesa. Y si digo "*the toma was mibbed by the gazzer*", esa es una construcción pasiva y sé que el gazzer hizo algo al primero mencionado, ¿vale? Y si digo "*the toma mibbed the gazzer a glock*", eso significa que le transfirió o le dio algo. Entonces, estas construcciones tienen significado, esa es la idea clave, eso es lo que transformó mi pensamiento. Entonces, queremos eliminar la noción de una regla. Las reglas gramaticales son cosas que se inventaron para la gramática prescriptiva. "Cómo aprender gramática latina o algo así. Aquí está la regla, aquí es cómo lo haces correctamente". Eso está bien para la pedagogía del lenguaje, pero no lo queremos. Cuando los niños están aprendiendo el lenguaje, no están aprendiendo reglas prescriptivas. Están aprendiendo patrones, ¿verdad? Y así están aprendiendo patrones y esquemas y esos patrones y esquemas tienen significado, son construcciones. Los están aprendiendo. Y así mi hipótesis verbal fue que comenzaron de manera muy concreta. Entonces, aprenden que "X golpea a Y" significa que "X" hace esta acción sobre "Y" y X le da "Y" a "Z", saben que eso está transfiriendo y dándole algo a alguien. Así que lo aprenden inicialmente para verbos individuales y luego encuentran los patrones. Pero en última instancia,

tanto el aprendizaje de palabras como el aprendizaje de construcciones es aprender una asociación entre una forma, una forma lingüística, y una función o un significado. Y es solo que, en el caso de las palabras, son cosas fonológicas concretas, como la palabra 'rock' o algo así, y el significado es un referente concreto. Y en el caso de las construcciones, todo es más abstracto. Entonces tienes un patrón de cómo encajan las cosas, y va con un significado abstracto como 'alguien hizo algo a alguien', ¿verdad? Entonces, sigue siendo una asociación forma-función. A un nivel general, ahora puedes mirar el aprendizaje de palabras y el aprendizaje de gramática o construcciones gramaticales de una manera generalmente similar. Y ambos requieren atención conjunta y comprender las intenciones comunicativas de la persona que lo usa y todo eso. Entonces, esa fue la gran revelación para mí y eso se reunió bastante en el libro de 2005 sobre la construcción de un lenguaje, que utiliza construcciones. Y en ese libro, intenté idear una manera pegajosa de resumirlo todo. Y, en ese libro, digo que se basa en dos conjuntos de habilidades, lo que llamo lectura de intenciones y búsqueda de patrones. La lectura de intenciones incluye la atención conjunta y toda la pragmática, toda la pragmática se trata de cuáles son tus intenciones comunicativas y todo eso. Entonces, la lectura de intenciones y la búsqueda de patrones y, en realidad, ambos funcionan. Ambos están en juego tanto en el aprendizaje de palabras como en el aprendizaje de construcciones, solo de diferentes maneras y tal vez en diferentes grados. Pero incluso en el aprendizaje de palabras, obtienes patrones. Y tengo un colega aquí que estudia cómo la misma palabra es pronunciada de manera diferente por diferentes personas y los niños aún la entienden. Entonces estás encontrando patrones, incluso en el aprendizaje de palabras, e incluso en el aprendizaje de construcciones, también está la lectura de intenciones. Entonces, cuando usas una cierta construcción, tengo que entender por qué la estás construyendo, por qué estás hablando en pasivo y por qué estás diciendo "the man got hit by the truck" en lugar de "the truck hit the man". Bueno, es porque el tema de nuestra conversación era el hombre, no el camión y así sucesivamente. Entonces, sí, la lectura de intenciones y la búsqueda de patrones son nuestros términos de resumen para los procesos que ocurren tanto en el aprendizaje de palabras como en el aprendizaje de construcciones.

Entrevistadores: Vale, solo por curiosidad, ¿quiere decir que estas construcciones se adquieren (aprenden)? ¿O los niños nacen con ellas?

Tomasello: No, las aprenden. Sin embargo, puede haber algunas universales porque se basan en la comprensión humana universal de cómo funciona el mundo. Entonces, cuando dices, ya sabes, esta construcción transitiva como "*the gazzar mibbed the toma*", alguien hizo algo para causar una acción. Las personas en todo el mundo piensan en términos de causa, un agente causando algo que sucede en un objeto. Así que tenemos algunos universales cognitivos que subyacen a la adquisición de estas construcciones y tenemos algunos universales pragmáticos o de comunicación social. Entonces, en todos los idiomas destacamos cosas y ponemos cosas en segundo plano, ¿verdad? No sé nada básicamente sobre el portugués, pero estoy seguro de que tienen una construcción que es similar de una manera u otra, en inglés, a lo que se llama una construcción *cleft* (o *clivada*). Entonces, en lugar de decir 'John rompió la ventana', digo 'fue John quien rompió la ventana'. ¿Vale? Tienes algo así. Algunos

desplazamientos hacia la izquierda o algo así, tienes, sí. De acuerdo, ¿cuándo lo uso? Bueno, cuando alguien más dice 'Mary rompió la ventana' y digo 'no, estás equivocado, fue John quien rompió la ventana'. Es una construcción muy extraña, de hecho, porque estás poniendo la información principal en una oración subordinada, fue John quien rompió la ventana. Entonces, sus oraciones subordinadas están en segundo plano, la acción está en segundo plano, pero la razón por la cual destacas a John es porque esa persona pensó que Mary lo hizo. Y fue John. Cada lengua tiene su propia versión de estas construcciones, pero la idea es que son ampliamente comprendidas en términos de cognición, comunicación y pragmática. Además, en términos de resaltar y poner en segundo plano... todas estas son capacidades humanas universales y se canalizan hacia el aprendizaje del lenguaje y el establecimiento de construcciones de manera única en diversas lenguas. Y es por eso que el estudio de la tipología lingüística es tan importante... es para descubrir cuáles son los parámetros de variación. ¿Cuánta variación puede existir y qué tipos de variación pueden o no pueden existir? Chomsky y algunos de los lingüistas formales suelen afirmar que existen ciertos tipos de lenguas que no pueden existir, y tienen una explicación al respecto, pero yo diría que es porque están fuera del alcance de las capacidades humanas en general, y no debido a la gramática universal u algo similar. Así que, sí. La respuesta específica a su pregunta es que las construcciones son específicas de las lenguas, pero existen algunos universales que surgen de la cognición humana universal, la cognición social y la comunicación

Entrevistadores: Está casi terminando nuestro tiempo, pero tenemos una última pregunta. Sabemos que existen varios centros de investigación en adquisición del lenguaje alrededor del mundo que utilizan sus teorías como base para investigaciones. Por ejemplo, aquí en João Pessoa tenemos el LAFE - Laboratorio de Adquisición del Habla y la Escritura, que tiene como coordinadora a la profesora Marianne Carvalho. Y hemos desarrollado varias investigaciones en el LAFE a partir de su propuesta teórico-metodológica. ¿Qué opinión tiene usted sobre su contribución original al estado del arte en la adquisición del lenguaje?

Tomasello: Bueno, en Estados Unidos y Europa, que son las regiones que conozco mejor debido a que trabajé durante muchos años en Alemania y Estados Unidos, una de las razones es que los psicólogos y logopedas son quienes estudian la adquisición del lenguaje y tienden a enfocarse en el aprendizaje de palabras, la pragmática, el discurso y todas las cosas interesantes y divertidas. Dejan la gramática a los lingüistas y en América y Europa eso significa la lingüística chomskiana. No tienen ninguna noción de función, pragmática, aprendizaje de perspectiva, lectura intencional y descubrimiento de patrones. Por lo tanto, me sentí muy frustrado porque en América y la mayor parte de Europa, el estudio de la sintaxis y la gramática no está siguiendo esta dirección gramatical de las construcciones. Hay otras cosas que son interesantes. Estoy realizando investigaciones con monos y, por lo tanto, he seguido una dirección un poco diferente. Podría haber continuado investigando en el área de la adquisición del lenguaje si hubiera habido más discusión sobre este tema. Sé que hay muchas personas en Escandinavia que están utilizando la teoría en pedagogía lingüística con varios tipos de niños con problemas de lenguaje. Y reconozco que algunas personas en su país también están utilizando la teoría. Entonces, se

está utilizando en todo el mundo, pero la investigación básica del tipo que yo hice, como observar cómo los niños con desarrollo típico de uno o dos años de edad aprenden construcciones, no se está llevando a cabo tan ampliamente como considero que merece. Sin embargo, me complace mucho cuando es utilizado por ustedes y por otras personas. Sería maravilloso que más personas comprendieran esta perspectiva y la continuaran desarrollando.

Entrevistadores: Muchas gracias por la información, por su tiempo y por todas las respuestas que nos ha brindado hoy. Realmente nos ayudarán a comprender mejor sus investigaciones, sus ideas y su trabajo en general. Estamos muy agradecidos por su participación en esta entrevista. Esperamos que tenga un buen día y que continúe con el increíble trabajo que realiza desde hace mucho tiempo.

Tomasello: Muchas gracias. Agradezco mucho el esfuerzo que realizan para compartir ideas y difundir información. Gracias.

Para más información

Evaluación y respuesta de los autores

Evaluación: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2202.R>

Editor

Marianne C. B. Cavalcante

Afiliación: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1409-7475>

Alessandra Del Ré

Afiliación: Universidade Estadual Paulista

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6740-9631>

Christelle Dodane

Afiliación: Université Sorbonne Nouvelle

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3733-1263>

RONDAS DE EVALUACIÓN

avaliador 1: José Moacir Soares da Costa Filho

Afiliación: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1755-2525>

avaliador 2: Fábيا Sousa de Sena Costa

Afiliación: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6383-952X>

EVALUADOR 1

O texto submetido corresponde a uma entrevista realizada com Michael Tomasello a respeito de sua contribuição para os estudos em aquisição da linguagem, especialmente sobre os conceitos trazidos em obras que são mencionadas ao longo da entrevista, a exemplo de "A Natural History of Human Thinking", "Becoming Human: a Theory of Ontogeny", "The Cultural Origins of Human Cognition" e "Constructing a Language: a usage-based theory of Language Acquisition".

A entrevista começa com uma breve introdução, em que os autores apresentam o pesquisador entrevistado, bem conceitos e direcionamentos teóricos importantes para áreas como Aquisição da Linguagem, Antropologia e Primatologia. Para fins de ênfase às pesquisas desenvolvidas em território brasileiro, os autores exemplificam dois centros, na Paraíba e em São Paulo, destacando ainda que há outros centros que desenvolvem estudos a partir das contribuições de Tomasello. Nesse ponto, sugiro que tais centro, destacados no texto como "diversas outras partes do mundo", sejam também citados para ampliar a capacidade didática da produção submetida à revista.

As perguntas que compõem a entrevista são elaboradas de modo coerente, fluído e objetivo, direcionando a discussão de maneira extremamente proveitosa e rica para seus futuros leitores.

Por se tratar de uma tradução do inglês (língua em que a entrevista foi concedida) para o português, é necessário verificar algumas construções (destacadas no texto original submetido, no qual também deixo comentários), de modo que a fluidez da leitura não seja comprometida, nem que haja possíveis construções ambíguas.

O ponto mais forte da entrevista é, sem dúvida, a possibilidade de esclarecer, por meio das palavras do próprio Tomasello, conceitos e perspectivas presentes em sua teoria, que, por vezes causam questionamentos e dúvidas durante a leitura do autor em seu original. Como os próprios entrevistadores dizem ao entrevistado ao final da entrevista, as respostas dadas "vão nos ajudar a entender melhor suas pesquisas, suas ideias e todo o seu trabalho". Desse modo, o resultado dessa entrevista é um texto claro, esclarecedor e didático ao ponto de ser vista pelos leitores como uma aula proferida pelo Michael Tomasello.

Recomendo que a entrevista seja aceita para a publicação tão logo os autores façam algumas correções textuais sinalizadas no manuscrito.

EVALUADOR 2

Prezados,

O artigo apresenta relevante conteúdo, uma vez que nos revela a contribuição no campo da aquisição de linguagem e os conceitos desenvolvidos através de décadas de estudos e experimentos tanto com crianças como com chimpanzés realizados por Michael Tomasello, além de explicar sua visão sobre o desenvolvimento das capacidades sociocognitivas por meio da intencionalidade compartilhada e a importância do contexto intersubjetivo, conceitos bastante caro para os estudiosos da área. O artigo é bem escrito, não há correções ortográficas e nem gramaticais a serem realizadas. Apresenta uma linguagem acessível e de fácil compreensão, não há inconsistência nos conceitos apresentados. Desse modo, recomendo a publicação.

Artigo: Aceito sem recomendações.